

4º Encontro FORGES - Angola
Universidade Agostinho Neto, Luanda
Universidade Mandume ya Ndemufayo, Lubango
18-23 Novembro 2014

Fazer “política” com serviços de orientação no ensino superior: contributo para o desenvolvimento de sinergias

Maria Eduarda Duarte

Faculdade de Psicologia
Universidade de Lisboa

Resumo

A globalização económica não é sinónimo de globalização social ou educativa. Uma das formas de ajudar na construção das políticas que visem a criação e o desenvolvimento de serviços de orientação e aconselhamento de carreira no ensino superior, passa pela adequação que esses mesmos serviços devem ter. A já conhecida expressão “pensar global, actuar local”, dá o mote para o ponto de partida daquilo que poderia ser o quadro conceptual para o desenvolvimento de uma rede de serviços de orientação e aconselhamento de carreira nos países de expressão oficial portuguesa.

Palavras-chave: serviços de orientação e aconselhamento de carreira

Abstract

Economic globalization is not synonymous of social or educational globalization. One of the forms of trying helping in career guidance and counseling services in a more comprehensive way is discussed. The old sentence “thinking global, acting local” serves as a point of departure for the arrangements of a conceptual framework for the development of an international network at the countries with Portuguese official language, in what concerns career guidance and counseling.

Key-words: career guidance and counseling services

Introdução

Começo com uma pequena provocação. “Nos sonhos começam as responsabilidades”, uma frase escrita em 1937, pelo escritor americano Delmore Schwartz. A responsabilidade da ideia, neste caso, do sonho, de desenvolver uma base comum para a criação de serviços de orientação e de aconselhamento de carreira no ensino superior em países de linguagem oficial portuguesa, consiste numa tentativa de colocar de lado o sonho individual, e criar um sonho comum a todos os que se interessam pela promoção do bem-estar de cada indivíduo que comporta o colectivo. Provavelmente, e por “culpa” das novas abordagens que se têm vindo a desenvolver em torno da orientação e do aconselhamento, a ênfase está cada vez mais no estabelecimento de uma relação de ajuda para que os indivíduos consigam sobreviver sem perderem o sentido da individualidade; por causa disso, as pessoas precisam de pessoas bem treinadas, bem preparadas para ajudar o indivíduo a ultrapassar a violência de uma sociedade global que coloca os interesses económicos num primeiro plano, ao mesmo tempo que relega para planos mais inferiores o próprio indivíduo, a satisfação das suas necessidades, e muitas vezes afrontando a dignidade humana.

Neste sentido é da responsabilidade dos cientistas “espremer” tudo o que as teorias nos oferecem, tirando partido dessas mesmas teorias, e colocá-las ao serviço das pessoas, e, conseqüentemente, do colectivo onde as pessoas se inserem, vivem, e desenvolvem projectos de vida, incluindo a vida de trabalho. Para que tal seja viável, é fundamental uma integração poderosa das teorias nos contextos nos quais se podem aplicar. A meu ver, a única maneira de transformar o sonho em realidade, ou, dito de outra maneira, preparar o futuro, lançar a semente para a cooperação, para a troca de saberes, para a análise séria dos

contextos. A única forma de entendimento da macro perspectiva a nível global; a única forma de entender a micro perspectiva a nível local.

Um dos possíveis pontos de partida para a construção de serviços de orientação e aconselhamento de carreira, e que visem fundamentalmente ajudar os estudantes que frequentam o ensino superior (mas que nada obsta a que se possa considerar outros níveis de escolaridade, adaptando, com certeza, a esses mesmo níveis e contextos!) é considerar diferentes níveis de intervenção, e em cada um desses níveis, enquadrar a preparação técnica de quem se envolva nesta relação de ajuda.

Usurpo as ideias de um relatório que surgiu na sequência de um seminário que ocorreu em Lisboa, em 2011, designado *Lifelong guidance: discussions, reflections and considerations* elaborado por R. Van Esbroeck, Jean Guichard, M. Savickas, Isabel Janeiro, Paula Paixão e Céu Taveira (2011). Este grupo de académicos debateu durante dois dias temas relacionados com a criação de serviços de orientação e aconselhamento de carreira, considerando o contexto português. Elaborou um relatório e deu conta do seu trabalho. É daqui que parto, procurando contribuir para uma plataforma de discussão e análise, que tem como grande objectivo “aproveitar” as experiências de cada país, de cada governo, de cada técnico, de cada um que esteja preocupado com o futuro.

Níveis de intervenção

A evidência de que existem enormes diferenças no tipo de questões, de dúvidas, de esclarecimentos, e desafios que as pessoas enfrentam, e das competências que têm que desenvolver para lidar com elas, sugere, melhor, pode determinar o princípio orientador para o estabelecimento de diferentes níveis de intervenção, enquadrados numa perspectiva

mais ampla, integrados em serviços de orientação e aconselhamento de carreira. Quer isto dizer que o pressuposto é fácil de entender: para cada nível de intervenção são necessários diferentes profissionais, com formações diferenciadas, mas em todos os níveis a presença da exigência e da formação de cada um dos profissionais que apontam caminhos que visam ou a informação, ou a educação das carreiras, ou o apoio de natureza estritamente psicológico. Assim sendo, pode distinguir-se três grandes níveis intervenção, mas, repito, todos eles integrados no “grande” serviço de orientação e aconselhamento de carreira.

Primeiro nível de intervenção

O primeiro nível de intervenção centra-se, fundamentalmente, nas questões em torno da informação escolar e profissional. Este tipo de intervenção tem como principal objectivo ajudar o indivíduo a desenhar uma ideia clara sobre o mundo do trabalho e do emprego, ao mesmo tempo que é informado sobre os requisitos necessários para se preparar para o desempenho dessas actividades.

Ao considerar este primeiro nível de intervenção, procura-se que o indivíduo obtenha respostas a questões do tipo: Que actividades são exigidas na função? Como é que o trabalho está organizado? Quais são as condições de trabalho? Quais as perspectivas de emprego? Quais as possíveis evoluções nesse domínio de trabalho? Que exigências existem? Qual a especificidade da formação ou formações necessárias? Como é que se efectua o recrutamento? E, também como exemplo, recolher informação sobre os requisitos necessários para concorrer.

As intervenções neste primeiro nível são de natureza educativa. Trata-se primeiro de recolher informação, ou seja, as actividades não são de natureza reflexiva, e não implicam que o indivíduo inicie qualquer processo de análise sobre si próprio ou sobre o cumulativo

das suas experiências. Em última análise, esta recolha de informação pode conduzir a uma determinada predisposição para que se inicie um processo reflexivo mais aprofundado.

O que é necessário neste nível de intervenção? Atrevo-me a responder. Os técnicos devem ter formação para “pensar global, actuar local”: ter técnicos preparados para responder ao que se considere no âmbito da informação escolar e profissional. E que técnicos? Professores, empregadores, trabalhadores sociais, outros profissionais, desde que previamente treinados na recolha de informação, em metodologias de sistematização de informação, em suma, nas ferramentas que podem ser utilizadas no domínio da informação escolar e profissional (Duarte, 2010).

Segundo nível de intervenção

O segundo nível de intervenção pode ser designado por intervenções de natureza psico-pedagógica. A intenção primeira neste nível é ajudar os indivíduos a criarem e a desenvolverem formas concretas de se relacionarem com eles próprios, integrando e ajustando o conjunto de experiências acumuladas e encontrar algumas analogias com trabalhos ou actividades de trabalho. Por outras palavras, o objectivo não é idêntico ao objectivo principal do primeiro nível de intervenção, ou seja, procurar familiarizar os indivíduos com os aspectos fundamentais da vida de trabalho. O núcleo central a este nível de intervenção trata de competências que são exigidas para o desempenho desta ou daquela actividade laboral, isto é, ajudar ao desenvolvimento de competências e à maneira como se podem desenvolver; trata-se de desenvolver competências que de certa maneira podem ser construídas. O “bilan” de competências, trabalhados em seminários ou workshops sobre educação para as carreiras, podem servir como exemplo para este nível de intervenção.

Parece-me importante salientar o seguinte aspecto: este tipo de intervenções são de natureza psicológica na medida em que procuram transformar a maneira como os indivíduos relacionam as suas experiências com as suas características específicas e que têm directamente a ver com as competências e recursos que são uteis ao trabalho actual.

O que é necessário neste Segundo nível de intervenção? Atrevo-me, novamente a responder. Os técnicos devem ter formação para pensar global e actuar local. Os programas de educação para as carreiras podem servir como um bom exemplo da diversidade de práticas de orientação. Em termos gerais, suportes teóricos de natureza desenvolvimentista ou estruturalista (Duarte, 2012) estão base de suporte para este nível de intervenção. Ao considerar em simultâneo os determinantes pessoais e os determinantes contextuais de carreira, um modelo de carreira pode fornecer um bom enquadramento para a provisão da orientação, quer em países desenvolvidos, quer em países com economias fortes ou em vias de desenvolvimento (o económico prevalece... e não a globalização social!)

Em suma, os técnicos que trabalhem neste nível de intervenção devem ter formação específica no domínio da psicologia vocacional e da psicologia da orientação e desenvolvimento de carreira.

Mas não posso deixar ainda de referir o seguinte: promover o desenvolvimento pessoal e fornecer serviços de orientação, em particular ao nível do ensino superior, é como que um imperativo para prestar atenção aos desafios que estão já ao dobrar da esquina, tais como a mudança na natureza do trabalho, o alargamento e a multiplicidade dos períodos de transição, as transições normativas e não-normativas: as necessidades de orientação são diferentes e implicam a utilização de diferentes tipos de intervenção e de técnicas. Pensar global e actuar local permite um melhor entendimento do significado de mobilidade, do

significado de imigração e de emigração, do significado de cooperação entre os diferentes países e povos envolvidos (Duarte, 2009a). E que vantagem tem falar-se a mesma língua!

Terceiro nível de intervenção

O terceiro nível de intervenção emerge por causa das intervenções de natureza psicopedagógica. Enquanto no segundo nível de intervenção se lida com o “saber como” e o “saber quem”, neste terceiro nível o relevante é lidar com o “saber porquê”. Trata-se da questão de encontrar significado na vida e dar significado à vida, de integrar a vida de trabalho na vida que faça sentido. Assim sendo, as intervenções a este nível podem ser designadas de intervenções de aconselhamento de carreira. Este tipo de intervenção é da competência exclusiva de psicólogos, porque revestidas de variáveis unicamente psicológicas

E o que é necessário neste nível de intervenção? Mais uma vez, atrevo-me a responder: pensar como um psicólogo co-construtor.

Uma abordagem abrangente e funcional necessita de alguns pilares. A meu ver, esses pilares devem começar por ser de natureza teórica; mas não me parece o momento e o lugar para explanações dessa natureza. Direi antes, que a noção de co-construção emerge de um novo paradigma, o paradigma *Life Designing* (Duarte, 2009b; Savickas, Nota, Rossier, Dauwalder, Duarte, Guichard, Van Esbroeck, Van Viannen, 2009) e que consiste na capacidade em alcançar sucesso num diálogo, sucesso para o cliente e para o conselheiro, considerando os contextos socio-culturais; co-construção é a capacidade de capitalizar as forças e compensar as fraquezas do indivíduo; co-construção é baseada na definição

ideográfica de sucesso; co-construção é reconhecer que o aconselhamento é socialmente produzido.

Esta perspectiva psicológica exige um treino e preparação específica em aconselhamento psicológico de carreira.

Conclusão

A orientação/aconselhamento é uma tarefa socialmente produzida: é o conjunto de experiências que se vão fazendo, que são ensaios que permitem desenvolver os saberes e os diversos modos de se relacionar consigo próprio, fundamentais para os indivíduos se orientarem no resto da sua existência, grande parte deles como trabalhadores precários (International Labour Office, 2006), grande parte deles como colaboradores em projectos ou missões depois dos quais, uma vez terminados, devem partir para outro projecto e pôr de novo à prova as suas competências. Da cadeia de montagem do princípio do século XX, para o desenvolvimento da carreira até ao final do século passado, para chegar, hoje, ao predomínio do trabalho precário (Duarte, 2012).

Por isso, a orientação/aconselhamento é também uma reflexão fundamentada no princípio universal dos direitos da pessoa: toda a ciência tem que ser empenhada, porque nem tudo se resolve de uma maneira economicista, mas sim, gerindo, teórica, social e politicamente e na base das aprendizagens, os meios.

O legado do séc. XX no que respeita às teorias sobre orientação da carreira e o nível de teorização que grande parte delas alcançaram foi um pequeno grande passo para se entender a individualidade enraizada num sistema de generalidade conceptual, permitindo que hoje se trabalhe a orientação/aconselhamento no instrumental do construtivismo e do

construcionismo social, procurando deste modo seguir o trilho para o conhecimento mais profundo do indivíduo.

Olhando para o passado, ao mesmo tempo que se constata o presente, talvez seja possível entender-se melhor a contemporaneidade, e talvez se possa reconhecer grandes marcas de teorização. No limite, pode até questionar-se se os estudos são científicos, uma vez que produtores de leis gerais; ou se se pode usar o termo teorização somente como um termo meta-crítico, retirando qualquer pertença à teoria psicológica. Pode até assumir-se que os estudos de carreira são só um quadro conceptual ou uma extensão de outras psicologias. Pode até considerar-se que os estudos sustentados no construtivismo e no construcionismo social não são mais do que uma construção do nosso imaginário orientado menos para a organização dos dados e mais para as histórias de vida e temas de vida, procurando as interacções entre a individualidade e os contextos (a situação política, económica, social, etc.). Contudo, também se pode aceitar e ter conhecimento de que todos estes caminhos, todos relacionados uns com os outros, podem ser inclusivos. É a proposta para o século XXI: o conhecimento dos meios sociais e culturais para se entender como é que cada um constrói a sua experiência e a integra na vida de trabalho. Trata-se da construção da realidade.

A vida da orientação na vida do século XXI exige uma certa antecipação do futuro, mas é da responsabilidade de quem lida com o outro colocar nesse futuro a esperança como fazendo parte do caminho.

Criar condições de intervenção no domínio da orientação e do aconselhamento é um imperativo moral, é uma obrigação.

Intervenção no domínio da informação, ajudando o indivíduo a encontrar respostas para as diferentes organizações de trabalho; intervenções ao nível da orientação, ajudando

as pessoas a desenvolverem maneiras específicas de se relacionarem com elas próprias e com as actividades de trabalho. Intervenções ao nível do aconselhamento, ajudando o indivíduo na “individuação”: a procura do caminho para ser completo, a procura do caminho para a integração.

Afinal a vida da orientação na vida do século XXI tem que ser responsável, contida e empenhada, e sistémica. A orientação portadora de uma série de marcas, por exemplo, culturais, psicológicas, sociais; a orientação construída sob a égide do autor, do seu discurso, que está sob a sua alçada, nele imprimindo as suas marcas, nele deixando os sinais do seu futuro. Autor inquieto, porque preocupado com o bem-comum; autor empenhado porque portador do sentido de humanismo; autor decidido porque capaz de intervir. A busca incessante pela singularidade, pela diferença, só tem sentido se, depois de constatada, conseguir ser aplicada. A orientação do século XXI procura essa diferença (Duarte, 2014). A democracia deve aplicá-la.

Referências bibliográficas

- Duarte, M. E. (2009a). The psychology of life construction. *Journal of Vocational Behavior*, 75 (3), 259-266. doi: 10.1016/j.jvb.2009.06.009
- Duarte, M. E. (2009b). Um século depois de Parsons: escolher uma profissão ou apostar na psicologia da construção da vida?[A century after Parsons: choosing a vocation or a bet in the psychology of life construction?] *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10 (2), 5-14.
- Duarte, M. E. (2010, July). Restructuring career counseling: objectives and instruments. A case study. In R. Van Esbroeck (Convenor). *Life Design Symposium*. Symposium presented at 27th International Congress of Applied Psychology, Melbourne, Australia.
- Duarte, M. E. (2012). Reflections on the training of career counselors. *Cypriot Journal of Educational Sciences*, 7 (4), 265-275.

- Duarte, M. E. (2013). A vida da orientação na vida do século XXI: constrangimentos e desafios. [The life of counseling in 21st century life: constraints and challenges]. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 14 (2), 155-164.
- International Labour Office (2006). The decent work deficit: A new ILO report outlines the latest global employment trends. *World of work*, 56, 12-15.
- Savickas, M., Nota, L., Rossier, J., Dauwalder, J-P., Duarte, M. E., Guichard, J., Soresi, S., Van Esbroeck, R., & Van Vianen, A. (2009). Life designing: A paradigm for career construction in the 21st century. *Journal of Vocational Behavior*, 75 (3), 239-250.
doi: 10.1016/j.vb.2009.04.004
- Van Esbroeck, R., Guichard, J., Janeiro, I., Paixão, P., Savickas, M., & Taveira, C. (2011). *Life long guidance: discussions, reflections and considerations*. Lisbon: Faculty of Psychology.